

## RESENHA

por Profa. Dra. Janete de Aguirre Bervique  
Docente do Curso de Psicologia, da FASU/ACEG - Garça-SP

### 1. Identidade da obra

SHIMIZU, Dayse Maria Alonso. **O Método Natural de Célestin FREINET**. Garça: Editora FAEF, 2004. 80 p.

### 2. Credenciais da autoria

A autora, Dayse Maria Alonso SHIMIZU, nasceu em Marília-SP, aos 21 de outubro de 1946, filha de Manoel Alonso Rúbio e Maria de Lourdes Alonso. Iniciou sua trajetória de educadora, como professora primária de escola rural, “no lombo de um cavalo”. Fez seus estudos superiores na Faculdade F.F.C.L. de Marília-SP, obtendo licenciatura em Pedagogia, em 1969; fez curso de pós-graduação “strictu sensu” na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, onde obteve o título de Mestre em Educação, com a dissertação “Método Natural de Freinet, pedagogia alternativa para a alfabetização”. Esta foi publicada, em primeira edição, pela Editora Pannartz Ltda, de São Paulo, em 1986. É professora universitária na Área de Educação e, atualmente, Diretora das Faculdades mantidas pela ACEG - Fundação Cultural e Educacional de Garça - SP, popularmente conhecida como FAEF. Vem se empenhando, como líder do processo, na transformação das Faculdades em Universidade da Terra Paulista, UNITERRA, já em tramitação avançada. Profunda conhecedora da obra de Célestin Freinet, participou de vários projetos, entre eles o de “Viabilização de instalação de Classes

Freinet”, em Marília, de autoria do Prof. Dr. José de Arruda Penteado, da UNESP de Marília, de 1982 a 1983. Mantém-se à frente do Programa Institucional de Capacitação Docente das Faculdades ACEG, enviando documentos e textos através da Internet, a todos os professores bem como realizando reuniões e proferindo conferências. Sua trajetória como educadora completou 40 anos, em 2004.

### **3. Conclusões da autoria**

A autora, visando a caracterizar o Método Natural de Freinet, põe em relevo algumas antíteses-trabalho intelectual / trabalho manual / educação tradicional / educação renovada, teoria / prática, escola / meio social, método analítico / método sintético, entre outras — e, à medida que as discute, sugere modos pelos quais professores de escolas convencionais poderão iniciar a mudança de uma metodologia mecanicista e repetitiva para a metodologia freinetiana, essencialmente ativista e criativa. Considera que os centros de interesse e o texto livre desenhado, falado ou escrito, entre outras atividades freinetianas, poderão ser rebatizados para a linguagem usual nas escolas; e que poderão ser aplicados com cautela, em favor do processo de desenvolvimento do conhecimento humano; também, que as práticas escolares relacionem teoria e prática, estas interpenetrando-se e fecundando-se mutuamente, consoante os modos de expressão natural da criança, que Freinet denomina “tateio experimental”. Considera, também, a espontaneidade da criança em atender à sua necessidade de se expressar e de se comunicar, partindo do desenho — que é um “meio de expressão natural” — não deve ser tolhido para que o desenvolvimento da escrita não seja prejudicado; antes, deve ser incentivado e valorizado, tanto nas séries iniciais do Ensino Fundamental, como na pré-escola.

#### **4. Digesto**

A autora inicia com a apresentação de sua obra, originada de sua Dissertação de Mestrado em Educação, na UNICAMP, cuja primeira edição ocorreu em 1986, atingindo um círculo restrito de interessados no Método Natural de Célestin Freinet. Esta foi atualizada e adaptada à realidade contemporânea do país, visando a atingir um número maior de leitores, considerando ser uma contribuição ao repensar da problemática brasileira no que tange à alfabetização; neste sentido, ressalta a necessidade de uma metodologia motivadora, que prepare a criança para a vida, tornando-a agente de mudança social. Situa a contribuição de Freinet, em nível de Brasil, e chama a atenção para a semelhança entre o seu método, para a alfabetização de crianças, e o de Paulo Freire, para a alfabetização de adultos. Por fim, a autora identifica duas obras de Freinet — O método natural e A educação pelo trabalho — como os sustentáculos da sua própria, foco desta resenha.

No capítulo I, a autora traz à luz as críticas de Freinet à educação tradicional, que incidem sobre a sua Filosofia Educacional, os seus métodos e técnicas, principalmente; estes por serem defasados do “meio social e vivo contemporâneo”, estabelecem um hiato entre as Escolas e o meio, ao que Freinet opõe técnicas capazes de integrar o conteúdo do ensino à vida. Com isso, enfatiza que a satisfação da necessidade de conhecer promove o enriquecimento da natureza dos aprendizes, em nível de poder, dinamismo e satisfação de vida. Chama a atenção para o elevado poder de dinamismo da criança, que lhe faculta criar, agir e realizar, que vem sendo embotado pelos métodos e disciplina da Escola Tradicional, que despreza as atividades manuais, considerando-as inferiores para o desenvolvimento intelectual. Quanto à aprendizagem da leitura e da escrita, especificamente, Freinet tece críticas ferrenhas quanto à: decifração de palavras e frases, sem a compreensão do seu significado; fonetização mecânica de sinais gráficos; métodos globais, a partir de frases, cujo sentido e valor a

criança desconhece; pobreza do seu material e do seu método, sem nenhuma relação com a necessidade de aprender a ler e a escrever; na escrita, o processo de aquisição de palavras preso à forma; ensino mecânico da escrita, a partir de sílabas e palavras isoladas, sem sentido para a criança; bem como um déficit em habilidades necessárias à vida cotidiana: comentar um artigo de jornal, escrever uma carta, redigir um relatório, entre outras.

O capítulo II trata, especificamente, do Método Natural de Freinet para aprendizagem da escrita e da leitura; assinala movimento natural da criança de transitar do desenho à linguagem escrita, com suas três fases, que é a segunda etapa do aprendizado da Língua. Este é essencialmente experimental, acontece por tentativas e erros, que se articulam, evoluem e se aprimoram, e a passagem da palavra oral à palavra escrita se faz naturalmente; enfatiza a percepção globalizante da criança — vê o todo antes de distinguir as partes — como substrato do ensino da escrita e da leitura, que partirá do conjunto complexo da vivência infantil de expressão e comunicação e não do elemento constitutivo (letra, sílaba ou palavra); e a gradação de dificuldades escapa à metodologia para ir ao encontro das necessidades e possibilidades da criança. Esse modo natural de aprender se apóia e cultiva a curiosidade natural, envolve a afetividade infantil e se baseia em duas necessidades de vida: expressão (gesto, palavra, desenho, culminando com a escrita) e comunicação através do diálogo (primeiro oral, depois escrito). A **primeira fase** desse processo de expressão gráfica começa com a criança, que numa imitação do adulto, usa o lápis para marcar uma folha de papel, sem muita coordenação e sem planejar o que vai desenhar; esse grafismo simples evolui, gradativamente, para o de elementos justapostos; chega ao desenho explicativo, desenhando outro elemento na mesma folha de papel; segue-se a “justificação acidental”, com que a criança explica um erro gráfico, por exemplo, o mau traçado do olho; o desenho, ainda, é uma

atividade experimental; caracteriza-se pela impessoalidade, até os 8 anos. Então, se inicia a **segunda fase** do desenvolvimento da aquisição da linguagem escrita. Nesta, surge o complemento de sua explicação, que é o texto manuscrito; imitando o adulto, a criança faz sinais gráficos para assinar, grifar e escrever com rabiscos o seu texto, no corpo do desenho, e os sinais são semelhantes a algumas letras do alfabeto. Assim a criança passa para a **terceira fase**, libertando-se do desenho e dando início à escrita propriamente dita; deverá ser sentida como um instrumento para expressar seu pensamento, pois a criança sente a urgência de desenvolver a escrita e, também, a leitura; começa a perceber as regras, e a imitar a cópia de letras e palavras de livros e jornais; interessa-se pelo texto livre produzido em sala de aula e ocorrem exercícios espontâneos; ela se apronta para relacionar grafismo escrito e grafismo oral, ou seja, palavra e pensamento; o desenho, agora, tem objetivo pré-determinado; e vai se instalando a escrita consciente, entrando em cena a Tipografia, o Jornal Escolar e a Correspondência através de cartas, nesta fase ditadas e copiadas.

O Método Natural não força a aprendizagem, que ocorre em situações em que são usadas técnicas e instrumentos adequados. A capacidade de leitura, de um texto não redigido pela criança dependerá do número de palavras conhecidas e significativas contidas no seu repertório. Em seus tateios, a criança passa a identificar o grafismo e o som, para fazer a relação com o significado da palavra que leu, culmina com uma "explosão", quando a criança se põe a "ler tudo" o que está escrito, pronunciando seu pensamento pela escrita, no início, sem se preocupar com detalhes técnicos; só quando adquire o domínio desta forma de comunicação é que começará a voltar a sua atenção aos aspectos ortográficos e sintáticos, sem correções do professor, para não interromper a naturalidade processual.

Na Conclusão, a autora destaca aspectos que considera interessantes, da vida e do pensamento de Célestin Freinet: o valor do

trabalho, transformador da natureza e do homem; a educação politécnica, conciliando trabalho manual e intelectual; relação entre conceitos escolares e o meio social real dos alunos, através de centros de interesse e do texto livre; as críticas à educação tradicional, que embota o pensamento crítico e a criatividade, e promove alfabetização mecânica e artificial. Ressalta a concepção de Freinet sobre desenvolvimento do conhecimento humano, através do tateio experimental; neste teoria e prática estão intimamente relacionadas, e resultam em regras de vida facilitadoras de novas tentativas experimentais; e da eliminação das correções, notas e avaliações pelo professor: destaca a função dos instrumentos utilizados no processo, como a Imprensa Escolar, a Cooperativa Escolar, a Correspondência Escolar, o Jornal Escolar, entre outros; enfatiza a naturalidade da aprendizagem da escrita com as marchas analítica e sintética, alternando-se como processos inseparáveis; exalta os benefícios do Método Natural de Freinet, que se apóia, essencialmente, no desenvolvimento infantil.

## **5. Metodologia da autoria**

Na exposição do Método Natural de Célestin Freinet, a autora utiliza a forma discursiva dissertativa, na sua variação descritivo-explicativa; adota uma linguagem clara, direta e incisiva, que prima pela correção gramatical e na construção fraseática; usa, sempre que necessário, frases e expressões retiradas de obras do educador estudado, cuidando de não distorcer, com interpretações subjetivas o significado subjacente às mesmas; argumenta com propriedade e adequação, revelando profundo conhecimento e ampla compreensão da proposta freinetiana de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita; e identifica e discute todos os aspectos que são essenciais ao entendimento do leitor sobre esse método que trabalha a criança

concreta, na sua inteireza, assim como é, inserida no seu contexto existencial.

## **6. Quadro de referência da autoria**

Pelo que me foi dado a compreender, através do exame cuidadoso da obra em pauta, a linha teórico-filosófica, que serviu como orientação à autora e ao próprio Freinet, tem características existencial-humanistas, fortemente demarcadas: a criança concreta, na sua inteireza, inserida no seu contexto existencial, aqui-e-agora, refletindo-se no modo como aprende e o que aprende. Nesta condição, a criança — conceito dos livros de Psicologia e Pedagogia tradicionais, que não tem concretude existencial, cede lugar à criança viva e pulsante, curiosa e espontânea, que se expressa e se comunica com naturalidade, consoante o seu estágio de desenvolvimento.

## **7. Quadro de referência da resenhista**

Compatibiliza-se com o quadro de referência da autoria, exposto no tópico anterior. Minha formação filosófica sustenta-se no tripé Humanismo / Existencialismo / Fenomenologia, que me abre caminhos tanto como Pedagoga / Professora, como no meu trabalho como Psicóloga, Gestalt-terapeuta; meu aluno, assim como meu parceiro terapêutico são pessoas existentes, concretas, assim como eu; e vêm até mim na sua totalidade, assim como são, trazendo consigo suas marcas existenciais, oriundas de suas interações no seu contexto de vida.

## **8. Filosofia da autora**

É, essencialmente, humanista, tendendo ao naturalismo de Jean-Jacques Rousseau, pois propugna pelo respeito à natureza da criança, que aprenderá a ler e a escrever por um método, também, natural, que responda à sua necessidade de se comunicar e de se expressar, que é

natural; e sempre considerando a criança como um ser situado, e com vínculos humanos e ambientais.

## **9. Crítica da resenhista**

A contemporaneidade conceitual e metodológica trazida da obra de Freinet para a obra que está sendo examinada, bem como a ênfase dada pela autora à natureza do desenvolvimento infantil e ao respeito à criança que aprende, faz da mesma uma valiosa contribuição às Ciências da Educação e à Psicologia do Desenvolvimento infantil; ainda, se for lida por professores que militam no magistério do Ensino Fundamental, neste momento histórico, certamente promoverá a reflexão filosófica sobre a Escola que se tem e a necessidade de mudanças. Constatei, examinando-a, apenas um déficit no que tange à aplicabilidade do Método Natural às situações de ensino/aprendizagem em escolas tradicionais, obsoletas e defasadas da realidade.

## **10. Indicações da resenhista**

Como Pedagoga e Psicóloga, recomendo a leitura e o estudo desta obra — O Método Natural de Célestin Freinet — a estudantes e profissionais da área de Educação, sejam do Ensino Médio ou Superior, numa abordagem interdisciplinar: o seu conteúdo fornecerá subsídios a várias disciplinas, para a realização de debates, seminários e pesquisas congêneres; recomendo, também, a estudantes de Psicologia do Desenvolvimento, pois retrata características e necessidades infantis, praticamente, descartadas em manuais e livros destinados ao conhecimento da criança. É uma obra que não pode faltar em bibliotecas destinadas a essas áreas.

## **11. Credenciais da resenhista**

Meu nome é Janete de Aguirre Bervique, 66 anos de idade. Sou Pedagoga, com especializações, mestrado e doutorado em Educação, e

Psicóloga, exercendo clínica com gestalt-terapeuta e terapeuta holística. Iniciei minha trajetória no ensino, oficialmente, há 48 anos, em 1957, e mais 4 anos anteriores, com professora de aulas particulares. Transitei do antigo ensino primário, como alfabetizadora, a maior parte do tempo, chegando ao ensino superior, em nível de graduação e de pós-graduação. Hoje, atuo como docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde, de Garça - SP, ministrando aulas e orientando trabalhos científicos. Tenho alguns livros publicados na Área da Saúde e muitas comunicações em revistas nacionais e estrangeiras. Ministro cursos e conferências em congressos nas Áreas da Saúde e Educação e, recentemente, mais em Psicologia. Implantei cursos de mestrado e doutorado em Odontologia, na Universidade de Pernambuco, nos quais atuei como professora e coordenadora pedagógica, por 8 anos. Sou professora aposentada da UNESP, mas, ainda, não quero "pendurar a chuteira".

## **12. Finalidade da resenha**

Resenhei a obra em pauta com a finalidade específica de divulgá-la nos meios acadêmicos e entre profissionais da Educação, sobretudo, aqueles que atuam como alfabetizadores; também, para indicá-la a estudantes de Psicologia do Desenvolvimento e de Ciências da Educação, áreas para as quais representa uma valiosa contribuição; e, ainda, porque está voltada para o desenvolvimento da consciência ecológica infantil, eis que propõe uma integração da Escola com o meio social, e que a aprendizagem da leitura e da escrita se faça em íntima relação com o "meio vivo" no qual a criança ambienta.

Profa. Dra. Janete de Aguirre Bervique  
Docente do Curso de Psicologia - FASU/ACEG/ Garça - SP.